

Revista Científica do IS CET

número 11 - 2ª série 2021

Percursos & IDEIAS

Cadernos de Gestão de Empresas

A LITERACIA FINANCEIRA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

FERNANDO OLIVEIRA TAVARES*
ISCET

LUÍS GOMES ALMEIDA**
ISCET

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma revisão da literatura sobre o tema da literacia financeira e perceber quais as linhas de investigação e itens de avaliação referidos nos estudos internacionais sobre o assunto. No início do artigo são compilados os estudos relacionados com a definição de literacia financeira, fazendo a sua distinção para com a educação financeira e com a alfabetização financeira. Posteriormente são referenciados estudos sobre a importância da literacia financeira e o seu impacto nas decisões económico-financeiras das famílias e na melhoria da sua segurança económica e bem-estar financeiro. Finalmente são apresentados e analisados os itens estudados na literacia financeira. Claramente constata-se que as pessoas com um nível de literacia mais elevada tomam melhores decisões para as suas famílias a nível financeiro e que a ignorância financeira carrega custos significativos. Conclui-se que os países devem implementar medidas para apoiar a formação dos povos a fim de haver uma melhoria na sua literacia financeira.

PALAVRAS-CHAVE

Literacia financeira, educação financeira, alfabetização financeira, decisões financeiras, bem-estar financeiro

ABSTRACT

The purpose of this paper is to review the literature on the topic of financial literacy and to understand which investigation lines and evaluation items are referred to in international studies on the subject. At the article's beginning, the studies related to the definition of financial literacy are compiled, and a distinction between financial education and financial alphabetization is performed. Posteriorly, studies on the importance of financial literacy and its impact on families' economic and financial decisions and on improving their economic security and financial well-being are referenced. Finally, the items on financial literacy which were studied are presented and analysed. It is clear that people with a higher literacy level make

better financial decisions for their families and that financial ignorance conveys significant costs. It is concluded that countries should implement measures to support citizens' training, in order to improve their financial literacy.

KEYWORDS

Financial literacy, financial education, financial alphabetization, financial decisions, financial well-being

INTRODUÇÃO

As sociedades e as economias em homogenia com o mundo estão cada vez mais globalizadas e em constante mudança. Esta globalização conduziu a uma crescente complexidade e diversidade dos mercados e instrumentos financeiros, traduzindo-se num ambiente financeiro significativamente perigoso para os consumidores (Boshara et al., 2010; Almeida, Tavares e Biglieri, 2018).

Esta alteração a nível do mundo financeiro, associado às mudanças que ocorrem a nível demográfico, económico e político, acompanhada pela explosão evolutiva do marketing sobre o consumo, é hoje um dos grandes desafios que as populações e os seus cidadãos individualmente têm de superar.

A crise económico-financeira iniciada em 2007 captou a atenção das populações a nível mundial, pelo grande impacto negativo que teve nas suas vidas. O agravamento da situação financeira, associado ao forte clima de instabilidade que as famílias viveram e vivem atualmente, leva a uma menor margem de erro no planeamento e decisões financeiras.

Assim, a literacia financeira ganhou outra dimensão e importância na vida quotidiana das pessoas e entrou de forma obrigatória no léxico diário das populações.

Boeri e Guiso (2007) afirmam que a crise financeira despertou atenções e preocupações sobre temas como a literacia financeira, a inovação financeira, mencionando-os como fatores importantes no desencadear da crise de *subprime*, nos EUA. O pós-crise económico-financeiro simbolizou uma nova era para a literacia financeira, através

* Professor Adjunto. Endereço eletrónico: ftavares@iscet.pt

** Professor Adjunto. Endereço eletrónico: lalmeida@iscet.pt

do aumento das inquietações mundiais perante os níveis de educação financeira das suas populações.

Uma gestão adequada do orçamento familiar, bem como um planeamento a médio e longo prazo, obriga a uma escolha criteriosa de produtos financeiros. Esta escolha tem benefícios diretos para os indivíduos, bem como para a estabilidade do sistema financeiro. A literacia financeira tem demonstrado ser uma variável de grande impacto na vida das populações e uma variável importante para o bem-estar das sociedades.

A literatura evidencia que a literacia financeira tem impacto direto no nível de endividamento e consequentemente na taxa de incumprimento das famílias, sendo uma variável que contribui nos efeitos psicológicos, sociais e saúde das sociedades. O aumento de créditos hipotecários, falências e sobre-endividamento dos consumidores são uma preocupação global, tornando-se num objetivo de política pública, analisada e explicada pela literacia financeira (Huston, 2010).

Este artigo tem como objetivo fazer uma revisão da literatura sobre o tema da literacia financeira e perceber quais as linhas de investigação e itens de avaliação referidos nos estudos internacionais sobre o assunto.

Para alcançar os objetivos propostos, a revisão da literatura para além desta introdução, apresenta mais quatro secções. Na segunda secção é apresentada a definição de literacia financeira, nas vertentes dos diversos autores e é efetuada referência à educação financeira. Na terceira secção é destacada a importância da literacia financeira, da educação financeira e da alfabetização financeira a nível internacional. Na quarta secção são apresentados estudos internacionais relacionados com os determinantes analisados em cada estudo. No final é apresentada uma conclusão sobre a revisão da literatura efetuada.

1. DEFINIÇÃO DE LITERACIA FINANCEIRA

A literacia financeira não tem uma definição única e universal, sendo que o conceito tem evoluído tornando-se cada vez mais abrangente passando da gestão do dinheiro para a inclusão de conhecimentos e competências na área financeira.

Autores como Huston (2010) e Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) defendem que, apesar de ser um tema

de importância reconhecida, não existe um consenso sobre uma definição e operacionalização globalmente aceite da literacia financeira.

Segundo Xu e Zia (2012), o termo de literacia financeira pode abranger diferentes conceitos, entre eles, a sensibilização e conhecimento sobre finanças, produtos financeiros, as instituições, as habilidades pessoais, a capacidade de gestão do dinheiro e o planeamento financeiro.

A literacia financeira é definida por diversos autores como a capacidade de leitura, análise, gestão e comunicação dos diversos problemas financeiros que se colocam diariamente ao nível do bem-estar material dos cidadãos. A perceção sobre o conhecimento dos diversos instrumentos financeiros, os princípios de mercado e a sua regulamentação são considerados na literatura como competências e aptidões da área financeira.

Mason e Wilson (2000) definem literacia financeira como sendo a capacidade de um indivíduo obter, perceber e avaliar a informação relevante, por forma a tomar decisões em consciência de prováveis consequências financeiras. Já Kirsch (2001) considera que a literacia financeira não é só o conhecimento desenvolvido durante os anos de escolaridade, mas o conjunto de capacidades, conhecimentos e estratégias que os indivíduos adquirem durante a sua vida, em vários contextos e na interação com seus pares e com as comunidades em que vivem. Opinião corroborada por Sebastião et al. (2001), que defendem que é a capacidade de processamento na vida diária, social, profissional e pessoal da informação adquirida através de textos, documentos e gráficos, entre outros, que apoiam a tomada de decisão nas finanças pessoais. Delavande, Rohwedder e Willis (2008) consideram que a literacia financeira é um tipo particular de capital humano que se adquire ao longo do ciclo de vida, por meio da aprendizagem de assuntos que afetam a capacidade para gerir receitas, despesas e poupança de forma eficaz.

Vitt e Anderson (2001) descrevem literacia financeira como a capacidade de ler, analisar, gerir e comunicar sobre as condições financeiras pessoais que afetam o bem-estar material. Para os autores, é a capacidade de distinção entre escolhas financeiras que permite discutir questões económicas, planejar o futuro e responder com competência aos acontecimentos da vida quotidiana que afetam as finanças pessoais.

Kempson, Collard e Moore (2005) enumerou os domínios da literacia financeira e que se encontram demonstrados na Quadro 1.

QUADRO 1
DOMÍNIOS DA LITERACIA FINANCEIRA

	1	2	3	4	5
	Orçamento	Conforto	Produtos	Planeamento	Informação
Conhecimento	Compreensão sobre a necessidade, e como equilibrar o orçamento familiar	Compreensão do controlo da situação financeira	Escolha e seleção de produtos	Compreensão do planeamento do futuro	Obtenção de informação e apoio
Atitude	Motivação e confiança em equilibrar o orçamento	A motivação e a confiança em manter o controlo financeiro	Motivação e confiança nos produtos que seleciona	Motivação e confiança no planeamento do futuro	A motivação e confiança na obtenção de informações e ajuda
Comportamento	Equilibrar o orçamento na prática	Manter o controlo na prática	A escolha de produtos na prática	Planeamento do futuro na prática	Manter-se informado na prática

Fonte: Adaptado de Kempson et al. (2005)

Por outro lado, Beal e Delpachitra (2003) definem a literacia financeira como a capacidade de efetuar julgamentos informados e tomar decisões efetivas relacionadas com a administração financeira. Também Fox, Bartholomae e Lee (2005) definem literacia financeira como a compreensão de factos financeiros, conceitos, princípios e ferramentas tecnológicas que são fundamentais para tomar decisões financeiras. Já Brown, Saunders e Beresford (2006) destacam a importância de consciência financeira como sendo um pré-requisito para a literacia financeira. Segundo a visão de Mandell (2007), a literacia financeira refere-se à capacidade de avaliar complexos instrumentos financeiros e fazer julgamentos esclarecidos, tanto na escolha desses instrumentos, como na sua aplicação adequada. De acordo com Orton (2007), a literacia financeira consiste no conhecimento de tópicos específicos relacionados com assuntos monetários, económicos ou financeiros, e nas medidas individuais que o indivíduo se sente capaz de enfrentar os mesmos. O autor relaciona assim a literacia financeira à capacidade de ler, analisar, gerir e comunicar sobre a condição financeira pessoal.

Mceecdy (2009) sugere que literacia financeira é a aplicação de conhecimento, compreensão, capacidades e

valores em contextos financeiros e de consumo, considerando que as decisões relacionadas com estas variáveis têm impacto no indivíduo, na comunidade e no ambiente. O autor adiciona assim os conceitos de consumo, valores e de externalidades à definição de literacia financeira. Defendendo que a literacia financeira é um conjunto de orientações e esclarecimentos sobre atitudes adequadas no planeamento e no uso de recursos financeiros pessoais.

Huston (2010) refere a importância da diferença entre literacia financeira e conhecimento financeiro. Para o autor, literacia financeira tem duas dimensões: a compreensão e a utilização. A compreensão agrega o conhecimento de finanças pessoais, sendo que, por sua vez, a utilização refere-se à aplicação das finanças pessoais. O autor considera assim que literacia não é o mesmo que conhecimento financeiro, pois a literacia financeira implica a capacidade de tomar decisões financeiras com o conhecimento que possui.

Complementarmente, Huston (2010) afirma que a educação financeira pode ser entendida como a capacidade de um indivíduo compreender as informações financeiras vinculadas às transações operacionais. Já Abreu e Mendes (2010) adicionam a estes conceitos a ideia de que a litera-

cia financeira é transversal aos diversos tipos de informação a que o indivíduo tem acesso, sendo positivamente influenciada pelos mesmos. Abreu e Mendes (2010) referenciam três dimensões de informação que são preponderantes no grau de literacia financeira: (i) o conhecimento financeiro revelado nas respostas a questões concretas sobre o mercado financeiro; (ii) a formação escolar, devido à sua influência positiva no desenvolvimento da capacidade de gerir várias fontes de informação; (iii) o acesso e escolha das fontes de informação utilizadas para a sua tomada de decisão.

Remund (2010) agregou diversas definições de vários estudos numa única. O autor concluiu que a definição de literacia financeira se subdividia em conceptual e operacional. A conceptual tem crescido com o aumento da complexidade da economia e incide sobre cinco categorias: (1) conhecimento de conceitos financeiros; (2) capacidade para comunicar sobre conceitos financeiros; (3) aptidão para gerir as finanças pessoais; (4) capacidade para tomar decisões financeiras apropriadas; e (5) confiança em planear com eficiência o futuro das necessidades financeiras. Relativamente à definição operacional, recai sobre quatro categorias: orçamento, poupança, empréstimos e investimentos, baseados no comportamento e capacidade do indivíduo.

Para Remund (2010: 292), a definição de literacia financeira seria: “Literacia Financeira é uma medida do grau em que se compreende os conceitos financeiros chave e se possui capacidade e confiança para gerir as finanças pessoais de modo apropriado, tomar decisões sólidas de curto prazo, fazer um planeamento financeiro a longo prazo, estando consciente dos acontecimentos do dia-a-dia e das mudanças das condições económicas.”

Por outro lado, Fernandes et al. (2014) afirmam que a educação financeira pode ser vista como um “remédio de informações” para uma combinação de políticas que inclui: oferecer mais opções aos indivíduos, proporcionar melhores informações e fornecer incentivos para que os consumidores mudem os seus comportamentos financeiros.

Messy e Monticone (2016) definem a literacia financeira como conhecimento financeiro, considerando uma competência essencial para a proteção e a inclusão financeira dos consumidores. Aksoylu et al. (2017) referem que a alfabetização financeira pode ser definida como a capaci-

dade de compreender conceitos e questões financeiras, a fim de tomar as decisões certas diante de mudanças nas condições financeiras e de gerenciar o próprio *status* financeiro através do planeamento financeiro.

Segundo David, Teddlie e Reynolds (2000) a definição com maior aceitação a nível internacional é a que define literacia financeira, como a capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões efetivas tendo em vista a gestão do dinheiro.

2. IMPORTÂNCIA DA LITERACIA FINANCEIRA

A tomada de decisão é um processo que afeta o presente e o futuro. A maioria das decisões de carácter financeiro são cada vez mais complexas e exigentes, onde só a intuição não chega para realizar as escolhas adequadas.

Segundo Mandell e Klein (2009) e Grifoni e Messy (2012), os indivíduos com mais competências financeiras podem tomar melhores decisões, para além de que esses comportamentos agregados terão consequências positivas na economia como um todo. Neste sentido a literacia financeira deve ser encarada como fator crucial na gestão da vida quotidiana de cada indivíduo, na vida coletiva da sociedade e no próprio desempenho económico das nações. Ainda segundo estes autores, a importância de altos níveis de conhecimento financeiro para a população em geral é reconhecida um pouco por todo o mundo e as causas dos baixos níveis registados são apontadas ao aumento da complexidade da economia, à falta de educação financeira nas escolas e universidades, à cultura persuasiva de satisfação imediata provocada pelo marketing de consumo agressivo e à proliferação de créditos disponíveis.

Messy e Monticone (2016) defendem que a literacia financeira tem vindo a ser reconhecida como uma competência crítica do século XXI, como elemento de estabilidade no desenvolvimento e crescimento económico, através da promoção e tomada de consciência das ações, quer em aspetos individuais como em coletivos sobre a economia. Ao nível político tem-se observado uma crescente preocupação no que diz respeito à literacia financeira, avaliada pela adoção de políticas e medidas com o intuito de alfabetizar as populações a nível financeiro.

Os governos reconhecem e aceitam de forma unânime que a falta de alfabetização financeira é uma das variáveis que conduz a más decisões financeiras, sobretudo a nível de endividamento familiar, repercutindo-se na economia (Braunstein e Welch, 2002; Banco de Portugal, 2011; Huston, 2010; Gerardi, 2010).

Obter elevados níveis de literacia financeira tem sido assim uma preocupação tanto dos países em desenvolvimento como dos mais industrializados (Mandell e Klein, 2009; Atkinson e Messy, 2012). Fernandes et al. (2014). Os autores consideram a literacia financeira o antídoto necessário para o combate ao crescimento e complexidade das decisões financeiras com que as populações se deparam. Messy e Monticone (2016) defendem que devem existir esforços para o seu aperfeiçoamento com a finalidade de proteger as famílias e apoiar o crescimento económico mundial. Huston (2010) e Opletalová (2015) consideram que a literacia financeira é a capacidade de os indivíduos aperfeiçoarem a administração das suas finanças pessoais. É como uma ferramenta de capacitação intelectual para a tomada de decisões mais responsáveis, o que a torna num tema em ascensão normalmente em trabalhos de pesquisa e investigação académica.

A literacia financeira é particularmente importante quando os produtos financeiros são complexos, o acesso a produtos de crédito é facilitado e tem por base um forte marketing de consumo, estando nas duas situações facilmente disponíveis para uma ampla gama da população.

A ignorância financeira carrega custos significativos. Os consumidores que não conseguem entender o conceito de composição de juros gastam mais em taxas de transação, aumentam dívidas e incorrem em taxas de juros mais altas quando recorrem a empréstimos (Lusardi e Tufano, 2015; Calcagno e Monticone, 2015).

As pessoas com fortes habilidades financeiras fazem um melhor planeamento de trabalho e poupança para a reforma, apresentam um menor nível de endividamento e economizam mais (Lusardi e Mitchell, 2014; Sawatzki, 2017).

Autores como Klapper, Lusardi e Panos (2012) e Lusardi (2015) declaram que as famílias geralmente aumentam os seus níveis de poupança em alturas de recessão económica. Os autores defendem que se o fizessem de forma

constante poderiam ultrapassar mais facilmente épocas de crise e contribuir para a estabilidade económica. Já Joo e Grable (2004), Cole, Sampson e Zia (2011) e Lusardi e Mitchell (2014) defendem que as decisões financeiras diárias dos cidadãos relativas à sua satisfação pessoal ou ao seu bem-estar financeiro obrigam a um aumento de responsabilidade sobre as mesmas, devido ao impacto que têm na economia. Neste sentido a literacia financeira evita o sobre-endividamento das populações, permitindo a segurança financeira, presente e futura das famílias, contribuindo de forma muito significativa para o desenvolvimento económico das sociedades. Uma boa gestão das poupanças e dos investimentos constitui uma componente importante para um crescimento sustentado da economia e de igual forma para o bem-estar financeiro de cada indivíduo (Lewis e Messy, 2012).

Também Brown et al. (2006) e Widdowson e Hailwood (2007) defendem que as pessoas com um nível de literacia mais elevada podem aprender sozinhas, procurando novos conhecimentos. A literacia financeira traduz-se assim num valor acrescentado para o cidadão, cria oportunidades de ampliação do conhecimento, aprendizagem e compreensão. Em termos materiais traduz-se num benefício de acumulação de riqueza e *status*.

Segundo a Australian and Investments Commission (2014), o bem-estar financeiro é conseguido pela interligação de diversos elementos, conforme Figura nº 1.

FIGURA 1
INTERLIGAÇÃO DOS ELEMENTOS PARA
O BEM-ESTAR FINANCEIRO



Fonte: Australian and Investments Commission (2014)

No entender de Lewis e Messy (2012), ao nível da poupança, os indivíduos com literacia financeira conseguem suportar mais facilmente choques económicos, não necessitando de recorrer a crédito. As poupanças também se revelam importantes ao nível macroeconómico, pois são as poupanças dos cidadãos que possibilitam às entidades bancárias emprestar dinheiro à restante população (Widowson e Hailwood, 2007; Lewis e Messy, 2012). Hogarth (2006) considera que de uma forma lógica, é de esperar que, consumidores com literacia financeira tomem melhores decisões para as suas famílias, aumentando a sua segurança económica e bem-estar.

Os autores Rahmandoust et al. (2011) defendem que outra componente importante na economia são os empresários e empreendedores, e que a taxa de sucesso destes

está diretamente relacionada com o seu nível de literacia financeira.

Gouws e Shuttleworth (2009) atribuem importância à literacia financeira no sentido de que o mundo dos negócios está em constante mudança e a abundância de informação leva à necessidade de filtragem e conexão com a informação financeira. Os autores defendem que é necessário estabelecer um equilíbrio entre a relevância da informação e a capacidade de perceção e interpretação desta. A forma como as organizações gerem a informação financeira tem efeito em como os tomadores de decisão atuam e planeiam as suas estratégias, conseguindo assim criar vantagens competitivas (Gouws e Shuttleworth, 2009). O Quadro 2 apresenta em destaque alguns dos estudos sobre a importância da literacia financeira.

QUADRO 2
ESTUDOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LITERACIA FINANCEIRA

Descrição dos itens	Autores
Os indivíduos com mais competências financeiras podem tomar melhores decisões.	Mandell e Klein (2009) Grifoni e Messy (2012)
A literacia financeira é particularmente importante quando os produtos financeiros são complexos. A ignorância financeira carrega custos significativos.	Lusardi e Tufano (2015) Calcagno e Monticone (2015)
Pessoas com fortes habilidades financeiras fazem um melhor planeamento de trabalho e poupança para a reforma, apresentam menor nível de endividamento e economizam mais. As famílias geralmente aumentam os seus níveis de poupança, em alturas de receção económica.	Klapper, Lusardi e Panos (2012) Lusardi (2015)
A literacia financeira evita o sobre-endividamento das populações, permite segurança financeira e contribui para o desenvolvimento económico das sociedades. Os indivíduos com literacia financeira conseguem suportar mais facilmente choques económicos, não necessitando de recorrer ao crédito.	Lewis e Messy (2012)
Os consumidores com literacia financeira tomam melhores decisões para as suas famílias e aumentam a sua segurança económica e bem-estar.	Rahmandoust et al. (2011)
O mundo dos negócios está em constante mudança e com abundância de informação, só com literacia financeira se consegue estabelecer o equilíbrio entre a relevância da informação e a capacidade de perceção e interpretação desta.	Gouws e Shuttleworth (2009)
A omnipresença do sistema bancário e a crescente complexidade dos instrumentos financeiros, estão na base da aposta crescente na formação financeira.	Lusardi e Mitchell (2011) Atkinson e Messy (2012) Messy e Monticone (2016)

Fonte: Elaborado pelos Autores

Garg e Singh (2018) defendem que os jovens têm uma longa vida pela frente e com ela novos desafios financeiros. As decisões erradas irão afetá-los num período longo de tempo, tornando assim imperativo que desenvolvam

capacidades e compreensão no mundo das finanças, a fim de evitar a escolha errada de produtos financeiros e possibilitando um melhor bem estar financeiro.

No intuito de compreender melhor a literacia financeira, diversos trabalhos académicos têm encontrado evidências de que as populações a nível mundial, de forma geral, apresentam analfabetismo financeiro, sendo necessário criar e implementar medidas para solucionar esta problemática, sendo a omnipresença do sistema bancário e a crescente complexidade dos instrumentos financeiros as premissas que estão na base da aposta da crescente formação financeira (Lusardi e Mitchell, 2011; Atkinson e Messy, 2012; OECD, 2015; Messy e Monticone, 2016).

3. ESTUDOS SOBRE LITERACIA FINANCEIRA

O estudo da literacia financeira está associado a diversos determinantes, sendo os mais comuns: género, idade, nível de escolaridade, região, estado civil, situação profissional, nível de rendimento, formação em economia/finanças, experiência e conhecimento de produtos financeiros, emprego e profissão, entre outros.

Os investigadores e académicos têm encontrado diversas dificuldades na realização dos trabalhos que abordam a literacia financeira, sendo apontada à partida como uma das primeiras problemáticas as diferenças entre conhecimento financeiro e a literacia financeira. Robb, Babiarz e Woodyard (2012) descrevem a diferença entre os dois termos, defendendo que a literacia financeira envolve a capacidade de compreender a informação financeira e tomar decisões eficazes, utilizando essa informação. Por outro lado, o conhecimento financeiro é simplesmente recordar um conjunto de fatos.

Os autores Huston (2010) e Robb, Babiarz e Woodyard (2012) defendem que a literacia financeira vai além da ideia de conhecimento ou educação financeira, mas a carência de modelos que apresentem as diferentes dimensões envolvidas no constructo da literacia financeira é um problema apontado pelos autores. Huston (2010), num trabalho de revisão de literatura, concluiu que, dos setenta e um estudos analisados, mais de cinquenta não conseguiram definir o conceito de literacia financeira. Nos vinte estudos que forneceram uma definição, o autor observou oito significados distintos atribuídos ao termo, sendo dois focados principalmente na capacidade e três no conhecimento.

Remund (2010) considera que, apesar da falta de concordância sobre a melhor definição de literacia financeira, os investigadores são rápidos a identificar as razões pelas quais as pessoas têm baixos níveis de literacia financeira. O autor através da sua investigação dividiu em três categorias os argumentos responsáveis pelo baixo nível de literacia financeira nas populações:

- i. a desregulamentação bancária e aumento da complexidade da economia global, que vai de encontro às conclusões de Anthes (2004) e de Kozup e Hogarth (2008);
- ii. a falta à abordagem da educação financeira nas escolas, opinião defendida por Anthes (2004), Edwards, Allen e Hayhoe (2007) e Fox, Bartholomae e Lee (2005);
- iii. uma cultura persuasiva de satisfação imediata provocada pelo marketing de consumo agressivo e uma proliferação de créditos disponíveis, opinião também de autores como Anthes (2004), Kozup e Hogarth (2008) e Leicht e Fitzgerald (2007).

Os autores Lusardi e Mitchell (2014) referem que os consumidores com um nível de literacia inferior apresentam menor probabilidade de planear a sua reforma, de acumular riqueza e de investir em ações, tendo uma maior probabilidade de contrair um empréstimo em condições desvantajosas.

De acordo com Bruhn e Zia (2011), os indivíduos com baixos rendimentos e baixos níveis de educação são menos propícios a refinanciar os seus empréstimos à habitação durante um período de descida das taxas de juro. Atkinson et al. (2007) concluíram relativamente ao género que o nível de literacia financeira é superior nos homens comparativamente às mulheres e que aumentava à medida que o rendimento das famílias aumenta.

Também Abreu e Mendes (2010) efetuaram um estudo em Portugal, com o objetivo de identificar os fatores que influenciam o nível de cultura financeira dos investidores individuais. Os autores concluíram que o nível de conhecimento financeiro dos investidores portugueses é reduzido, destacando a evidência encontrada de que os inquiridos casados, de 44 anos, com curso médio ou superior a viver no litoral e no Grande Porto, com profissões libe-

rais, eram os investidores que apresentavam maior nível de conhecimento financeiro.

É de referir outro estudo efetuado por Lusardi e Mitchell (2014) sobre o nível de literacia financeira entre pessoas com mais de 55 anos. A escolha dos autores recaiu sobre este grupo etário por ser um grupo com menor probabilidade de planear a reforma e de efetuar investimentos de risco, como a compra de ações. É um grupo etário que apresenta maior probabilidade de atingir a idade da reforma com menor nível de riqueza e com empréstimos mais caros. De acordo com os autores, as pessoas com mais idade demonstram falta de conhecimento das noções básicas sobre ações e diversificação de risco, conclusão que é corroborada por Finke e Huston (2010).

No mesmo estudo, Lusardi e Mitchell (2014) constataram que o nível educacional dos pais era um forte indicador do nível da literacia financeira dos filhos, acrescentando mais uma possível causa dos baixos níveis da mesma.

Num outro estudo, Monticone (2010) encontrou evidências de que os níveis mais elevados de escolaridade estavam associados a níveis de conhecimento financeiro mais elevados, uma vez que os indivíduos com mais educação têm menos dificuldade em adquirir conhecimentos financeiros. O mesmo autor concluiu que, nos últimos anos, tem-se demonstrado que o conhecimento financeiro afeta uma ampla gama de comportamentos financeiros, incluindo a acumulação de riqueza, participação no mercado de ações, diversificação do portefólio, endividamento e comportamento financeiro responsável. Relativamente ao impacto dos baixos níveis de literacia financeira, o mesmo investigador demonstrou que geralmente os indivíduos com baixos níveis de literacia financeira tendem a possuir altos custos nas suas opções financeiras (incluindo altas taxas de empréstimos e comissões).

Fonseca et al. (2012) concluíram que homens e mulheres com idêntico nível de escolaridade comparativamente ao seu parceiro aceitam em média o mesmo número de responsabilidades financeiras. Outra conclusão dos autores foi que o nível de responsabilidade sobre atividades financeiras, aumenta paralelamente ao nível de escolaridade, independentemente de ser homem ou mulher.

Também Pacheco, Ribeiro e Tavares (2016), num estudo realizado para os alunos do ensino secundário em

Portugal, através da análise fatorial exploratória, agregaram em quatro fatores o conjunto de variáveis inter-relacionadas, relevantes na educação e formação financeira de crianças e adolescentes. Os autores concluíram que os quatro fatores importantes são: (i) a educação e formação financeira ensinada pela família durante a infância e adolescência, (ii) a educação e a formação financeira ensinada pela escola durante a infância e adolescência, (iii) as percepções sobre a poupança, e (iv) a compreensão do preço do dinheiro. Estas conclusões corroboram o trabalho de Hanna, Hill e Perdue (2010).

Os autores Samy et al. (2008) concluíram que o baixo nível de literacia financeira das famílias é em geral baixo e é apontando como a causa mais provável para enfrentar a dificuldade, a complexidade e a variabilidade dos mercados financeiros. Lusardi e Mitchell (2014) demonstraram, na sua investigação, que a literacia financeira influencia o planeamento financeiro, que por sua vez aumenta a acumulação de riqueza. Já Delavande, Rohwedder e Willis (2008) aferiram que um nível mais elevado de literacia financeira permite aos investidores obter maiores taxas de retorno nos seus ativos, independentemente do nível de risco. Lusardi e Tufano (2015) e Lusardi (2015) concluíram que indivíduos com baixo nível de literacia financeira apresentam maiores problemas com dívidas, menor probabilidade de acumular riqueza e estão menos propensos a planear financeiramente a sua reforma.

Também Bernheim (1997), Bernheim e Garrett (2003), Cutler e Delvin (1996) e Chen e Volpe (2005) concluíram que baixos níveis de literacia financeira representam um sério problema para o bem-estar económico das famílias e das nações. Os altos níveis de literacia financeira apresentam impacto positivo sobre os anos de reforma dos indivíduos e sobre o planeamento financeiro para a mesma. Durante as próximas décadas, o aumento da esperança média de vida, a continuação da tendência da reforma antecipada e a passagem da geração “*baby-boom*” do trabalho para a reforma irão reduzir o tempo que as sociedades ocidentais se dedicam ao emprego. Nestas circunstâncias, o antigo modelo de partilha dos recursos das sociedades entre as pessoas que trabalham e as que estão aposentadas está a tornar-se insustentável. Como consequência, em vários países, a responsa-

bilidade é inevitavelmente mudar para poupanças pessoais, de modo a complementar a necessidade mínima fornecida pelos sistemas de pensões públicas (European Commission, 2007).

No presente, os indivíduos são responsáveis por gerir as suas contas para a reforma, pois a disponibilidade futura de serviços sociais não está assegurada e os benefícios dos seguros de saúde já não estão garantidos com o emprego (Braunstein e Welch, 2002; Chen e Volpe, 1998).

É reconhecido por Lusardi (2015), Bernheim e Garrett (2003) e López et al. (2010) que o planeamento financeiro para a reforma é uma tarefa complexa, pois a informação requerida para tomar decisões é extensa. Torna-se assim evidente a necessidade de educação financeira, podendo desta forma ter um impacto positivo na mesma. Os indivíduos com um nível mais alto de conhecimento financeiro têm uma maior tendência para ter poupanças para a reforma.

Chen e Volpe (2002) concluem que, de uma forma geral, os indivíduos apresentam fracas competências de literacia financeira. No entanto, os estudantes que estavam a realizar licenciaturas no campo dos negócios tinham maior probabilidade de saber mais sobre finanças pessoais do que os estudantes que não estavam nessas áreas de licenciatura. No entanto, pesquisas realizadas no Reino Unido têm indicado constatações similares às dos EUA (Wagland e Taylor, 2009). Os autores verificaram que muitos jovens no Reino Unido não têm capacidades financeiras básicas para funcionar numa base diária. Também na Austrália, a Ray Morgan Research (2003) indicou alguns resultados positivos, na literacia financeira, com a maioria dos participantes a ter uma apreciação e entendimento de serviços financeiros básicos. No entanto, o estudo também descobriu falta de competências na compreensão da reforma e do planeamento da mesma.

Knoll e Houts (2012) e Lusardi e Mitchell (2014) utilizam nos seus estudos medidas que avaliam taxas de juro, inflação e a diversificação de risco. Klapper, Lusardi e Van Oudheusden (2015) incluíram quatro questões de educação financeira que abrangem taxas de juro simples, taxas de juro composto, taxas de inflação e descontos nas vendas. De forma similar, Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011) medem as habilidades numéricas e a compreensão

de conceitos como inflação, juros simples, juros compostos e o valor do dinheiro no tempo, além de outras questões que abordam o conhecimento relacionado com os instrumentos financeiros complexos como: ações, títulos e fundos mútuos, além do conhecimento de conceitos como a diversificação de risco e do *trade-off* entre risco e retorno.

No contexto brasileiro, Potrich, Vieira e Kirch (2018) desenvolveram um indicador denominado de “Termômetro de Alfabetização Financeira” e utilizam-no para mensurar a educação financeira dos indivíduos, avaliando principalmente os conceitos de inflação, taxa de juro, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos. García et al. (2013) avaliaram o impacto da implementação de programas de educação financeira na América Latina e Caribe, tendo investigado 16 países. Os autores concluíram que os programas de literacia financeira demonstram ser cada vez mais relevantes para os decisores políticos e, em última instância, para os cidadãos em geral. Os autores encontraram evidências que sugerem que a implementação destes programas apresenta resultados positivos na redução da pobreza, nomeadamente quando combinada com programas de educação e consciencialização da população sobre o acesso a produtos financeiros.

Num estudo para o continente asiático, Yoshino, Morgan e Wignaraja (2015) concluíram que uma gestão eficaz da poupança e do investimento das famílias contribui para o crescimento económico geral. Além disso, à medida que as sociedades envelhecem e os impostos fiscais aumentam, as famílias tornam-se mais responsáveis no próprio planeamento para a reforma.

Agarwal et al. (2015) investigaram a literacia financeira na Índia sobre a ótica do planeamento financeiro, concluindo que a grande maioria dos entrevistados é financeiramente alfabetizada, relativamente a questões como taxas de juro, inflação e risco / diversificação. No entanto, encontram variações entre grupos demográficos e socioeconómicos, encontrando evidências de diversidade nos grupos quando analisam a tolerância ao risco, preferências de investimento e metas de investimento.

Atkinson e Messy (2015) estudaram as transferências bancárias efetuadas pelos emigrantes, considerando estas transferências como uma importante fonte de renda

para muitos países, chegando a superar todos os fundos de desenvolvimento internacional combinados. Os autores concluíram que os imigrantes individuais e as suas famílias estão frequentemente entre as pessoas mais vulneráveis da sociedade no que respeita a literacia financeira, isto porque muitos enfrentam barreiras significativas ao acesso e uso de produtos financeiros apropriados. Concluíram assim que seria necessária a implementação de medidas para apoiar estes trabalhadores com o objetivo de melhorar a sua educação financeira.

Amagir et al. (2018) efetuaram uma revisão sistemática da literatura e avaliaram a eficácia dos programas e intervenções de educação em educação financeira para crianças e adolescentes. Os resultados mostram que os programas de educação financeira nas escolas podem melhorar o conhecimento financeiro e as atitudes de crianças e adolescentes. Os autores concluem que, para crian-

ças e adolescentes, nas escolas primárias e secundárias devem ser utilizadas formas de aprendizagem experiencial, enquanto na universidade o foco deve estar em “eventos de vida” específicos destes alunos.

Silgoner, Greimel-Fuhrmann e Weber (2015) encontram evidências de iliteracia financeira na população austríaca, especialmente entre as mulheres, jovens, pessoas com mais idade e nas que apresentam baixo nível de educação e formação. Os autores concluem que a falta de conhecimento financeiro é conducente a comportamentos financeiros de risco, como poupança insuficiente, falta de planeamento da reforma, contratação de empréstimos sem motivos, compras por impulso e consumo compulsivo.

O Quadro 3 apresenta em destaque os itens / aspetos normalmente analisados nos estudos de literacia financeira.

QUADRO 3
ITENS / ASPETOS ESTUDADOS NA LITERACIA FINANCEIRA

Descrição dos itens	Autores
Os estudos de literacia financeira estão associados a diversos itens: género, idade, nível de escolaridade, região, estado civil, situação profissional, nível de rendimento, formação em economia / finanças, experiência e conhecimentos financeiros, emprego e profissão	Robb, Babiarz e Woodyard (2012) Fonseca et al. (2012) Monticone (2010)
Argumentos responsáveis pela baixa literacia financeira: desregulamentação bancária e aumento da complexidade global da economia, a falta de abordagem da educação financeira nas escolas, a cultura persuasiva provocada pelo marketing de consumo	Anthes (2004) Edwards, Allen e Hayhoe (2007) Fox, Bartholomae e Lee (2005)
Conhecimento dos investidores financeiros	Abreu e Mendes (2010)
Nível educacional dos pais	Lusardi e Mitchell (2014)
Noções básicas de ações e diversificação do risco	Finke e Huston (2010)
Fatores com impacto na literacia financeira: (i) a educação e formação financeira ensinada pela família durante a infância e adolescência, (2) a educação e a formação financeira ensinada pela escola durante a infância e adolescência, (iii) as perceções sobre a poupança, e (iv) a compreensão do preço do dinheiro	Pacheco, Ribeiro e Tavares (2016)
Os níveis de literacia financeira têm impacto na probabilidade de acumulação de riqueza e no planeamento da reforma	Bernheim e Garrett (2003) Cutler e Delvin (1996) Chen e Volpe (2005)
Capacidade de analisar taxas de juro, inflação, diversificação do risco e desconto de vendas	Knoll e Houts (2012) Lusardi e Mitchell (2014)
Inflação, taxa de juro, valor do dinheiro no tempo, risco, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos e alfabetização financeira	Potrich, Vieira e Kirch (2018)
Alfabetização financeira dos jovens e fatores socioeconómicos e demográficos.	Garg e Singh (2018)

Fonte: Elaboração própria

Os autores Garg e Singh (2018) analisaram o nível de alfabetização financeira entre jovens no mundo, com base em estudos anteriores e focando-se no impacto dos fatores socioeconómicos e demográficos, como idade, género, estado civil e remuneração sobre a literacia dos jovens. Os autores encontraram evidências de que o nível de alfabetização financeira entre os jovens é baixo, sendo um motivo enorme de preocupação. Os autores concluíram ainda que fatores socioeconómicos, demográficos, idade, sexo, rendimento, estado civil e nível de escolaridade influenciam o nível de literacia financeira dos jovens, tendo encontrado uma inter-relação entre conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro.

Aksoylu et al. (2017) concluíram, no seu estudo na Província de Kayseri (Turquia), que a população estudada possui conhecimento de alguns conceitos financeiros, como juros pagos e valor do dinheiro no tempo. Contudo, apresentam níveis insuficientes de alfabetização financeira. Potrich, Vieira e Kirch (2018), num estudo para o Brasil, encontraram relação entre literacia financeira e género, sendo os homens a apresentarem níveis mais altos de literacia financeira. Os autores concluíram que devem ser feitos mais esforços para aumentar o nível de literacia financeira, principalmente nas mulheres solteiras, com baixo nível de educação e de rendimento.

Riitsalu (2018) concluiu que a administração de cursos com o intuito de aumentar a educação financeira apresenta resultados positivos ao fim de 6 meses, concluindo que se deve aumentar a formação a este nível, pois implica um aumento de literacia financeira.

Andreou e Philip (2018) avaliaram o comportamento financeiro dos estudantes das cinco maiores universidades de Chipre, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos. Os autores observaram que 6,24% dos alunos responderam a todas as questões corretamente, sendo que 36,9% apresentam um bom nível de proficiência em conhecimento financeiro. Os autores encontraram evidências de que o *background* parental e o aconselhamento destes não desempenham um papel importante para o alto conhecimento financeiro.

Allgood e Walstad (2016) avaliaram o impacto da formação financeira no comportamento financeiro de norte americanos. Os autores testaram o impacto da formação

no comportamento dos indivíduos sobre a utilização e recurso a cartões de crédito, investimentos, empréstimos, seguros e consultoria financeira. Os autores efetuaram uma análise probit, encontrando evidências de que a literacia financeira apreendida influencia os comportamentos financeiros.

Boisclair, Lusardi e Michaud (2017) encontram evidências para a população do Canadá de que níveis educacionais mais baixos estão diretamente relacionados com níveis baixos de literacia financeira. Os autores concluem que 42% da amostra apresenta bons níveis de conhecimento financeiro, sendo que o planeamento da reforma está diretamente ligado a níveis de formação mais elevados.

CONCLUSÕES

A primeira conclusão relativamente ao que foi apresentado ao longo deste artigo é que a literacia financeira é um tema que está na ordem do dia nos diferentes países a nível mundial. As crises económico-financeiras num passado recente, o crescimento da atividade bancária e seguradora e a pressão constante do marketing de consumo levam a que os governos dos diferentes países inscrevam como prioritária a educação e a alfabetização financeira. A literacia não tem uma definição única e universal, mas uma das mais abrangentes e cabal foi escrita por Remund (2010: 292): “Literacia Financeira é uma medida do grau em que se compreende os conceitos financeiros chave e se possui capacidade e confiança para gerir as finanças pessoais de modo apropriado, tomar decisões sólidas de curto prazo, fazer um planeamento financeiro a longo prazo, estando consciente dos acontecimentos do dia-a-dia e das mudanças das condições económicas.”

A importância da literacia financeira fica vincada através dos estudos que demonstram que os indivíduos com mais competências financeiras podem tomar melhores decisões, fazem um melhor planeamento de trabalho e poupança para a reforma e conseguem suportar mais facilmente os choques económicos. Por outro lado, as pessoas com melhor literacia financeira tomam melhores decisões para as suas famílias, o que lhes permite aumentar a sua segurança económica e bem-estar. A omnipresença do sis-

tema bancário, a crescente complexidade dos instrumentos financeiros e o aumento da preocupação a nível individual com a preparação da reforma estão na base da aposta crescente na formação financeira.

A nível dos estudos sobre a literacia financeira, os determinantes mais estudados são: o género, a idade, o nível de escolaridade, a região do estudo, o estado civil, a situação profissional, o nível de endividamento, a formação nas áreas económicas e financeiras, a experiência e o conhecimento dos produtos financeiros, o emprego e a profissão. Há outros estudos que relacionam o nível de literacia financeira com a educação e formação financeira proporcionada pela família e pela escola e as perceções individuais relativamente à poupança e ao preço do dinheiro. É, no entanto, visível que, nestas duas décadas iniciais do século XXI, os estudos têm avançado para outros determinantes, tais como: o conhecimento sobre as taxas de juro de curto e de longo prazo, as taxas de inflação, a análise da rentabilidade e do risco, o valor do dinheiro no tempo, a diversificação, o mercado de ações e de títulos públicos e a alfabetização financeira.

Dado que não são conhecidos para Portugal estudos académicos com alguma profundidade, relacionando todos os determinantes da literacia financeira anteriormente referidos, propõe-se uma pesquisa que analise estas variáveis, através de um inquérito e de uma amostra estratificada, onde se conclua sobre a literacia financeira dos indivíduos e se compare com os diversos estudos internacionais apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M.; MENDES, V. (2010), "Financial Literacy and Portfolio Diversification", in *Quantitative Finance*, 10(5), pp. 515-528. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14697680902878105>
- AGARWAL, S. *et al.* (2015), "Financial Literacy and Financial Planning: Evidence from India", *Journal of Housing Economics*, 27, pp. 4-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jhe.2015.02.003>
- AKSOYLU, S. *et al.* (2017), "A Baseline Investigation of Financial Literacy Levels: The Case of Kayseri Province", in *Journal of Accounting & Finance*, 75, pp. 229-246.
- ALLGOOD, S.; WALSTAD, W. (2016), "The effects of perceived and actual financial literacy on financial behaviors", in *Economic Inquiry*, 54(1), pp. 675-697. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ecin.12255>
- ALMEIDA, L.; TAVARES, F.; BIGLIERI, J. (2018), "Previsão de tendência Ichimoku. Funcionará nas opções do Facebook?", in *Revista Espacios*, 39(45), pp. 5. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a18v39n45/18394505.html>
- AMAGIR, A. *et al.* (2018), "A review of financial-literacy education programs for children and adolescents", in *Citizenship, Social and Economics Education*, 17(1), pp. 56-80. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2047173417719555>
- ANDREOU, P.; PHILIP, D. (2018), "Financial knowledge among university students and implications for personal debt and fraudulent investments", in *Cyprus Economic Policy Review*, 12(2), pp. 3-23.
- ANTHES, W. (2004), "Financial Literacy in America: A perfect storm, a perfect opportunity", in *Journal of Financial Service Professionals*, 8(6), pp. 49-56.
- ATKINSON, A. *et al.* (2007), "Levels of financial capability in the UK", in *Public Money and Management*, 27(1), pp. 29-36.
- ATKINSON, A.; MESSY, F. (2011), "Assessing financial literacy in 12 countries: an OECD/INFE international pilot exercise", in *Journal of Pension Economics & Finance*, 10(4), pp. 657-665. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1474747211000539>
- ____ (2012), "Measuring financial literacy: Results of the OECD/International Network on Financial Education (INFE) pilot study", *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, N.º 15, OECD Publishing, Paris, Disponível em: <https://doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>
- ____ (2015), "Financial Education for Migrants and their Families", *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, N.º 38, OECD Publishing, Paris, Disponível em: <https://doi.org/10.1787/5js4h5rw17vh-en>
- AUSTRALIAN SECURITIES AND INVESTMENTS COMMISSION AND THE CIVIL PENALTIES REGIME (2014), "Australia's Company Law Watchdog", in *The Journal of Business Law*, 3, pp. 228-251.
- BANCO DE PORTUGAL (2011), *Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa*, Lisboa: Banco de Portugal, Eurosistema.
- BEAL, D.; DELPACHITRA, S. (2003), "Financial literacy among Australian university students", in *Economic Papers: A journal of applied economics and policy*, 22(1), pp. 65-78.
- BERNHEIM, B. (1997), "Rethinking saving incentives", in A. J. Auerbaach (Ed.), *Fiscal Policy: Lessons from Economic Research*, Cambridge: MIT Press, pp. 259-311.
- BERNHEIM, B.; GARRETT, D. (2003), "The Effects of Financial Education in the Workplace: Evidence from a Survey of Households", in *Journal of Public Economics*, 87, pp. 1487-1519.
- BOERI, T.; GUIISO, L. (2007), *The Subprime Crisis: Greenspan's Legacy. The First Global Financial Crisis of the 21st Century*, London: Center for Economic and Policy Research.
- BOISCLAIR, D.; LUSARDI, A.; MICHAUD, P. (2017), "Financial literacy and retirement planning in Canada", in *Journal of Pension Economics & Finance*, 16(3), pp. 277-296.
- BOSHARA, R. *et al.* (2010), *Consumer trends in the public, private, and nonprofit sector*, Denver: National Endowment for Financial Education – Quarter Century Project.
- BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. (2002), "Financial literacy : Na overview of practice, research, and policy", in *Federal Reserve Bulletin*, November, pp. 445-457.
- BROWN, R.; SAUNDERS, M.; BERESFORD, R. (2006), "You owe it to yourself: The financially literate manager", in *Accounting Forum*, 30(2), pp. 179-191. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.accfor.2006.03.001>
- BRUHN, M.; ZIA, B. (2011), *Stimulating Managerial Capital in Emerging Markets: The Impact of Business and Financial Literacy for Young Entrepreneurs*, Policy Research working Paper, n.º WPS 5642, Washington, D.C.: World Bank Group. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/737211468139183866/Stimulating-managerial-capital-in-emerging-markets-the-impact-of-business-and-financial-literacy-for-young-entrepreneurs>

Percursos & Ideias

- CALCAGNO, R.; MONTICONE, C. (2015), "Financial literacy and the demand for financial advice", in *Journal of Banking & Finance*, 50, pp. 363-380. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2014.03.013>
- CHEN, H.; VOLPE, R. (1998), "An analysis of personal financial literacy among college student", in *Financial Services Review*, 7, pp. 107-128.
- ____ (2002), "Gender differences in personal financial literacy among college students", in *Financial Services Review*, 11, pp. 289-307.
- ____ (2005), "Financial Literacy, Education, and Services in the Workplace", in *A Journal of Applied Topics in Business and Economics*, 4, pp. 42-46.
- COLE, S.; SAMPSON, T.; ZIA, B. (2011), "Prices or knowledge? What drives demand for financial services in emerging markets?", in *The Journal of Finance*, 66(6), pp. 1933-1967. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1540-6261.2011.01696.x>
- CUTLER, N.; DEVLIN, S. (1996), "Financial Literacy 2000", in *Journal of Financial Service Professionals*, 50(4), pp. 32.
- DAVID, R.; TEDDLIE, C.; REYNOLDS, D. (2000), *The international handbook of school effectiveness Research*, NY, Routledge: Psychology Press.
- DELAVANDE, A.; ROHWEDDER, S.; WILLIS, R. (2008), *Preparation for retirement, financial literacy and cognitive resources*, Working Papers wp190, University of Michigan, Michigan Retirement Research Center Research Paper.
- EDWARDS, R.; ALLEN, M.; HAYHOE, C. (2007), "Financial attitudes and family communication about students' finances: The role of sex differences", in *Communication Reports*, 3(2), pp. 90-100. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08934210701643719>
- EUROPEAN COMMISSION (2007), *Science education now: A renewed pedagogy for the future of Europe. 22845*, Bruxelas: Office for Official Publications of the European Communities, High Level Group on Science Education, European Commission. Science & Economy.
- FERNANDES, D.; LYNCH JR, J.; NETEMEYER, R. (2014), "Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors", in *Management Science*, 60(8), pp. 1861-1883. Disponível em: <https://doi.org/10.1287/mnsc.2013.1849>
- FINKE, M.; HUSTON, S. (2010), "Individual Property Risk Management", in *Journal of Probability and Statistics*, V. 2010, pp. 1-11. DOI 10.1155/2010/805309.
- FONSECA, R. et al. (2012), "What explains the gender gap in financial literacy? The role of household decision making", in *Journal of Consumer Affairs*, 46(1), pp. 90-106. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2011.01221.x>
- FOX, J.; BARTHOLOMAE, S.; LEE, J. (2005), "Building the Case for Financial Education", in *Journal of Consumer Affairs*, 39, pp. 195-214. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2005.00009.x>
- GARCÍA, N. et al. (2013), "Financial Education in Latin America and the Caribbean: Rationale, Overview and Way Forward", in *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, n.º 33, Paris: OECD. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1787/5k41zq7hp6d0-en>
- GARG, N.; SINGH, S. (2018), "Financial literacy among youth", in *International Journal of Social Economics*, 45(1), pp. 173-186. DOI 10.1108/IJSE-11-2016-0303
- GERARDI, K. (2010), *Financial literacy and subprime mortgage delinquency: Evidence from a survey matched to administrative data*, Atlanta: DIANE Publishing.
- GOUWS, D.; SHUTTLEWORTH, C. (2009), "Financial literacy: an interface between financial information and decision-makers in organisations", in *Southern African Business Review*, 13(2), pp. 141-165.
- GRIFONI, A.; MESSY, F. (2012), "Current status of national strategies for financial education", in *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, n.º 16. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/20797117>
- HANNA, M.; HILL, R.; PERDUE, G. (2010), "School of Study and Financial Literacy", in *Journal of Economics and Economic Education Research*, 11(3), pp. 29-37.
- HOGARTH, J. (2006), "Financial Education and Economic Development", Presented at the *G8 International Conference on Improving Financial Literacy*, November 29, 2006, Moscow, Russian Federation.
- HUSTON, S. (2010), "Measuring Financial Literacy", in *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), pp. 296-316. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>
- JOO, S.; GRABLE, J. (2004), "An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction", in *Journal of Family and Economic Issues*, 25(1), pp. 25-50.
- KEMPSON, E.; COLLARD, S.; MOORE, N. (2005), "Financial capability: An exploratory study", in *Consumer Research Report 37*, University of Bristol: Financial Services Authority.